

Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ÁTVARS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona

*Imagens de canibais e
selvagens do Novo Mundo*

DO MARAVILHOSO MEDIEVAL AO
EXÓTICO COLONIAL (SÉCULOS XV-XVII)

Tradução

Marcia Aguiar Coelho

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

C432i Chicangana-Bayona, Yobenj Aucardo.
Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo: do maravilhoso medieval ao exótico colonial (séculos XV-XVII) / Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona; tradução: Marcia Aguiar Coelho. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

1. Iconografia – Século XV-XVII. 2. Canibalismo. 3. Índios da América do Sul.
I. Coelho, Marcia Aguiar. II. Título.

CDD - 704.9

- 394.9

- 980.1

ISBN 978-85-268-1385-4

Título original: *Imágenes de canibales y salvajes del Nuevo Mundo: De lo maravilloso medieval a lo exótico colonial (siglos XV-XVII)*

Esta é uma tradução de *Imágenes de canibales y salvajes del Nuevo Mundo. De lo maravilloso medieval a lo exótico colonial, siglos XV-XVII* (2013), de Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona, publicada e vendida pela Editora da Unicamp, com permissão da Universidad del Rosario/Editorial, proprietária de todos os direitos de publicação e venda da mesma.

Copyright © 2017 by Editora da Unicamp

1ª reimpressão, 2020

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

In memoriam de María Victoria Sarmiento de Urrea.
Madrinha, artista, mestra e amiga.

Dedico este livro aos queridos mestres que marcaram
meu processo de formação como historiador:
Anna María Splendiani, Jaime Humberto Borja,
Juan Carlos Eatsman, Guilherme Pereira das Neves,
Ronaldo Vainfas e Ronald Raminelli.

Agradecimentos

Este livro só foi possível graças ao apoio de instituições como a Universidade Nacional da Colômbia, com sede em Medellín, a Universidade Federal Fluminense de Niterói e a Universidade do Rosário de Bogotá. Ao apoio econômico de Colciencias da Colômbia e ao CNPq do Brasil e aos apoios logísticos de Laspau e do British Council.

No Brasil, aos museus de belas artes, ao Paço Imperial, à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ao Real Gabinete Português, às bibliotecas do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, ao Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, à Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, à Biblioteca Municipal Mário de Andrade, à Central da Universidade de São Paulo e ao programa de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense em Niterói. Na Colômbia, à Biblioteca Nacional e às bibliotecas Luis Ángel Arango e da Pontifícia Universidad Javeriana em Bogotá. No México, às bibliotecas do Colégio do México e de Ciências Humanas da Unam. Na Espanha, à biblioteca da Universidad Complutense de Madrid e aos museus do Prado e Thyssen-Bornemisza de Madri. Na Alemanha, à Biblioteca da Universidade Técnica de Dresden e ao Kupferstichkabinett de Berlim. Na Áustria, aos museus Albertina e Kunsthistorisches de Viena. Na França, à Biblioteca Nacional de Paris. Na Itália, aos museus do Vaticano e Termos de Roma e ao Nacional de Nápoles. Na Grã-Bretanha, à British Library, ao Museu Britânico de Londres e ao Master and Fellows of Corpus Christi College de Cambridge. Nos Estados Unidos, a The Metropolitan Museum of Art, The New York Public Library, em Nova York; ao Institute

of Art, em Detroit, e à Biblioteca do Congresso em Washington. Na Dinamarca, ao Nationalmuseet, em Copenhagen.

Agradeço especialmente aos professores e amigos: Ronald Raminelli, meu orientador de tese; Ronaldo Vainfas e Guilherme Pereira das Neves; Peter Burke, Thereza Baumann, Maria Regina Celestino de Almeida, Ulpiano Bezerra de Meneses, Elly de Vries, Pedro Martins Caldas Xexéo, Jaime Humberto Borja, Patricia Londoño Vega, Ana Raquel Portugal, Célia Tavares, Lygia Vianna Peres, Livia Paes Barreto e Maria Eugenia Mattos. Finalmente, a Paola Pemberthy, Olga Patrícia Correa, Javier Escobar Isaza, Ingrith Torres Torres, María del Mar Agudelo, Cristina Londoño Carder, Juan Felipe Córdoba Restrepo e Ángela María Rodríguez Marroquín.

Sumário

<i>Prefácio – Ronald Raminelli</i>	11
<i>Abertura</i>	15
<i>1. Maravilhas, gentios e outros prodígios</i>	19
<i>2. O retorno de Gogue e Magogue</i>	55
<i>3. Índios renascentistas</i>	95
<i>4. Filhas de Saturno</i>	125
<i>5. Apolo Tupinambá</i>	177
<i>6. Descriptio Mundi</i>	209
<i>Epílogo</i>	235
<i>Fontes e bibliografia</i>	237
<i>Relação das imagens</i>	255

Prefácio

Desde os descobrimentos e a expansão europeia, o contato do homem branco com os canibais é descrito e desenhado em livros. Essa imagem se renovou ao longo dos séculos, apesar de ter sido mantido o contraste entre o canibal selvagem e o branco civilizado. No século XX, o assunto recebeu um reforço ainda maior com o cinema e a televisão. Não é incomum que, ainda hoje, se mencione a captura de um explorador por parte de uma tribo canibal, cena comum em filmes e desenhos animados que retratam aventuras ocorridas na África ou na América. Depois de ser tomado como prisioneiro, o europeu é conduzido pelos guerreiros ao interior da aldeia, onde se encontra um grande caldeirão com água fervendo e muitos nativos ansiosos por degustar a iguaria capturada durante alguma confrontação bélica. A cena testemunharia a barbárie dos povos perdidos em terras distantes da civilização europeia. Trivializada pelos meios de comunicação, essa narrativa está inserida na ideologia colonial, ou seja, num conjunto de pressupostos, nem sempre verdadeiros, que reforçam a inferioridade dos povos africanos e ameríndios. Este erudito livro de Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona retrocede no tempo para perceber que o mito do canibal se encontra nos primeiros registros sobre o Novo Mundo e que teve interessantes alterações ao longo dos séculos XVI e XVII.

Na edição de 1509 das cartas de Américo Vespúcio, encontra-se uma gravura que retrata um marinheiro e três mulheres que parecem seduzi-lo com a nudez de seus corpos. As índias distraem o descuidado conquistador, enquanto outra aborígene se aproxima ameaçadoramente por trás. O marinheiro, que a princípio pensava em atrair as belas selvagens, terminaria como

prato principal de um banquete canibalesco. Desde então, a cartografia europeia, ao representar a América, passou a difundir a fama desses povos consumidores de carne humana. Esse alerta aos futuros colonizadores foi traduzido nos mapas por imagens de guerras, fogueiras e corpos esquartejados em pleno cozimento. Tema tratado de forma magnífica no presente livro.

Em princípio, a prática não era uma mentira nem mera invenção europeia, no entanto, era um ritual controlado por regras. Entre os tupis, por exemplo, os guerreiros se sentiam honrados quando morriam em um banquete canibal. Para os europeus, comer carne humana era abominável, pois nem sequer os leões ingeriam seus semelhantes. Durante o século XVI, o Brasil era conhecido nos mapas como *Terra dos papagaios*, fazendo referência às belas aves que ali se encontravam, ou como *Terra dos canibais*. A imagem do canibalismo ameríndio seria difundida na Europa com mais intensidade a partir do relato de Hans Staden, explorador alemão que foi capturado pelos tupinambás em meados do século XVI. Sua incrível experiência como prisioneiro de um grupo de canibais foi descrita em relatos que ganhariam várias edições entre os séculos XVI e XVIII, ou seja, o tema do canibalismo teve enorme sobrevivência ao longo do tempo.

Ao banalizar as cenas de canibalismo, os europeus pretendiam comprovar que os índios e os negros atuavam como os piores animais e necessitavam da intervenção dos povos mais “civilizados” para promover a paz. Os conquistadores tinham a intenção de controlar as terras, as riquezas e a força de trabalho dos nativos. Para os europeus, os índios e os negros eram incapazes de dominar seus instintos, promovendo, por isso, guerras, emboscadas e traições. A preguiça desses povos tornava inviável o cultivo dos campos e a domesticação dos animais, por isso dependiam da carne humana para sua sobrevivência.

Como nos conta Chicangana-Bayona, o ato de comer carne humana não foi uma invenção dos povos americanos descoberta pelos europeus entre os séculos XV e XVI. Desde a Grécia antiga a prática era denominada *anthropophagia*, e somente depois da chegada dos europeus ao Novo Mundo difundiu-se o termo *canibalismo*. Sua origem remonta à primeira viagem de Colombo, quando o navegador soube por intermédio dos aruaques que os caribes, seus inimigos, eram ferozes, bárbaros e conhecidos como *caraibas*. Antropófagos e canibais são, em princípio, idênticos, mas é importante fazer uma distinção: o canibalismo fazia referência ao ritual, enquanto a antropofagia era motivada pela necessidade, pela fome. Segundo essa diferenciação, o consumo de

carne humana como sustento era mais degradante que a ingestão de acordo com regras sociais. Os antropólogos não encontraram um consenso para essa variação, pois não se tem notícias de uma sociedade que consumisse carne humana como alimento.

Para os conquistadores, em suma, o canibalismo era sinônimo de barbárie e da incapacidade para autogovernar-se. A intervenção colonialista europeia seria um meio de erradicar o costume de comer carne humana, de livrar os próprios nativos do destino cruel e, por fim, conduzi-los à civilização. Num primeiro momento, nas narrativas de viagem sobre ameríndios e africanos, destacava-se a preguiça desses povos, o gosto pela guerra e pela carne humana. Num segundo momento, os relatos difundiam a superioridade da religião cristã e demonstravam a inteligência e a capacidade dos europeus para manipular os nativos. Essas ideias preconcebidas originariam o mito da superioridade do homem branco.

Como bem demonstra o estudo de Chicangana-Bayona, com base em centenas de narrativas de viagem, percebe-se como os europeus contavam tanto com a fé em Deus quanto com a superioridade de seus navios e armas de fogo para dominar outros povos. Entre os séculos XVII e XIX, pouco a pouco as vitórias europeias no mundo colonial tornaram-se garantia de sua superioridade intelectual e da missão de converter os bárbaros em homens civilizados. Dessa forma, legitimavam as intervenções militares, o domínio sobre os povos ameríndios e africanos para “o bem e o progresso da humanidade”.

Nos debates historiográficos, enfatiza-se a representação do canibal como parte da ideologia da colonização, como imagem para legitimar as guerras e a escravização das comunidades indígenas. Para os testemunhos coloniais, o canibal se achava num nível intermediário entre os animais e os seres humanos – sinal, portanto, de incapacidade, de debilidade mental, conforme abordou o já clássico estudo de Bernadette Bucher. Os índios se enfrentavam em guerras incessantes e consumiam seus oponentes em festas canibais. Em suma, o canibalismo fundamentou, do ponto de vista europeu, a percepção de que os ameríndios eram seres inferiores. Essa perspectiva historiográfica não descartou o diálogo com a antropologia e buscou analisar os documentos coloniais do prisma do colonizador, sem descuidar das especificidades das culturas indígenas.

Há ainda outra vertente que considerou o canibalismo como um mito, como uma invenção europeia. Por meio da crítica documental, o antropólogo

William Arens concluiu que os testemunhos eram insuficientes para comprovar a veracidade do canibalismo. Os relatos eram sempre indiretos, comumente envolvendo acusações entre inimigos. Esse processo, segundo Arens, não foi promovido só pelos europeus, mas se encontra difundido em todos os grupos humanos. De formas diversas, os inimigos são sempre identificados como canibais. Essa perspectiva provocou muita polêmica entre antropólogos e historiadores que descartaram tais hipóteses.

Nesse debate, *Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo* contribui com um estudo sobre genealogia da imagem mediante a representação do canibal. Para tal propósito, o autor recorre a diferentes fontes e tradições textuais, analisando sua metamorfose entre os séculos XV e XVII. Assim, vale a pena conhecer este livro não apenas por sua enorme erudição, mas também pela metodologia em que prima a integração de textos e imagens.

Ronald Raminelli

Abertura

No diário de Cristóvão Colombo, de sexta-feira, 23 de novembro de 1492,¹ seria registrado o episódio do nascimento do termo *canibal*:

[...] O Almirante navegou todo o dia para a terra, sempre para o sul. Sobre esse cabo se sobrepõe outra terra ou cabo, que também vai para o leste e que aqueles índios que levava chamaram de “Bohío”. Diziam que era muito grande e que ali havia uma gente que tinha um olho na testa e outros que chamavam de *canibais*, de quem demonstravam ter muito medo [...].²

Era a primeira vez que se fazia menção à palavra canibal, que posteriormente viria a estigmatizar os habitantes do Novo Mundo que não se submeteram ao domínio ibérico e se converteria num dos argumentos para justificar a conquista. Canibal não era uma palavra europeia; foi usada pelos tainos para se referir a seus inimigos caribes, com quem disputavam as Antilhas. Dessa maneira *caribe*, *caraiíba*, *caniba* ou *canibal* acabou por identificar o indivíduo que consumia carne humana,³ mito que provocou profundo espanto

¹ O diário de Colombo seria publicado vários anos depois da chegada da primeira viagem.

² Cristóvão Colombo, *Diários da Descoberta da América: As quatro viagens e o testamento*. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 79 (grifo nosso).

³ Assim como comenta Peter Hulme ao fazer um estudo semântico dos termos *antropofagia* e *canibalismo*: “[Mas as histórias das duas palavras são bem diferentes.]. ‘Antropófago’ é, no original grego, uma formação a partir de duas palavras preexistentes (‘comedores/de seres humanos’) e atribuída pelos gregos a uma nação que morava, presumidamente, além do Mar Negro. Exatamente o oposto se aplica a ‘Canibais’, que era um substantivo não europeu utilizado para referir a um grupo existente – um grupo de *Caribs* nas Antilhas. Através da conexão

e horror na sociedade europeia. Antes do surgimento desse termo, Colombo já havia usado o vocábulo *antropófago* no relato do domingo, 4 de novembro de 1492, baseado nas informações que lhe davam os tainos sobre os caribes, “[...] Entendeu também que longe dali havia homens de um olho só e outros com cara de cachorro, que eram antropófagos e que, quando capturavam alguém, degolavam, bebendo-lhe o sangue e decepando as partes pudendas [...]”.⁴

Colombo vai remeter à teratologia medieval em seu diário quando menciona *ciclopes*, *cinocéfalos* e *antropófagos*, ou pelo menos assim o interpretará a partir do que ele e seu tradutor de árabe e aramaico podiam entender do aruaque dos indígenas. Todas essas criaturas monstruosas descritas no diário de Colombo foram herdadas da tradição clássica greco-romana e acreditava-se que praguejavam nas fantásticas terras orientais da Líbia e da Ásia, nas muitas ilhas ocidentais e nas antípodas. Os antropófagos – segundo se pensava – habitavam as zonas distantes do mar Negro e do mar Cáspio e consumiam carne humana. Os relatos antigos sobre antropofagia iniciam com Ctésias na Grécia e se difundem com autores latinos como Plínio, o Velho⁵ e Solino, que repetem incessantemente as descrições sobre a existência de povos e sociedades que se alimentavam exclusivamente de carne humana por gosto ou por costume, mito que passou para a Idade Média e que, ainda hoje, é uma obsessão na cultura ocidental.⁶

O canibal que surge com Colombo e se difunde nos escritos e nas imagens dos relatos de viagens a partir de Vespúcio terá conotações variadas e transformações durante os séculos seguintes, ganhando particularidades de acordo

estabelecida entre aquele povo e a prática de comer carne de indivíduos de sua mesma espécie, o substantivo ‘Canibal’ passou para o espanhol (e por conseguinte para outras línguas europeias) com a implicação indissolivelmente amalgamada a ela. Gradualmente, ‘canibal = comedor de carne humana’ foi se distinguindo de ‘carib = nativo das Antilhas’, processo completado (em inglês) pela cunhagem do termo geral ‘canibalismo’ (*cannibalism*), para o qual o primeiro verbete do *Oxford English Dictionary* é datado de 1796”. Peter Hulme, *Colonial Encounters*, p. 15 [tradução de Guilherme Amaral Luz, que consta na revista *História Social*, n. 8/9, 2001/2002, pp. 13-53 (trecho citado pp. 14-15). Disponível em: < <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/368/316> > (N. do E.)].

⁴ Colombo, 2001, p. 71.

⁵ Cayo Plínio Segundo. *Historia Natural*, libros VII y VIII. Madrid: Visor Libros, 1999, pp. 302-430.

⁶ Paolo Vignolo, “Hic sunt canibales: El canibalismo del Nuevo Mundo en el imaginario europeo (1492-1729)”. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, 32, 2005, pp. 151-188.

com a época, com o espaço geográfico e com a formação de quem escreve ou pinta.⁷ Inicialmente, os canibais serão identificados com os caribes, mas desde os primeiros anos vão sendo incluídos outros povos e etnias como os tupis, os guaranis, os *poblanos* e os astecas, entre muitos outros. Diversos autores, cronistas, viajantes, escritores, pensadores e artistas durante os séculos XVI-XVIII recorreriam ao tema do canibalismo e do canibal para refletir sobre vícios, virtudes e sobre a alteridade a partir da própria cultura europeia.⁸

Neste livro interessa uma diferenciação relacionada às imagens: o canibalismo estará associado aos habitantes do Novo Mundo, ao passo que a antropofagia, à tradição medieval, eventualmente mesclando-se os dois termos, como ocorre em certos momentos nas crônicas, nos relatos e nas imagens sobre os habitantes do Novo Mundo durante esses séculos. O que acaba se tornando anacrônico é usar as palavras *canibal* ou *canibalismo* para se referir a indivíduos, grupos, episódios ou representações anteriores a 1492.

Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo: Do maravilhoso medieval ao exótico colonial (séculos XV-XVII) concentra-se na produção iconográfica feita pelos europeus sobre os habitantes indígenas do continente americano, destacando as primeiras imagens do bom selvagem e as terríveis representações dos canibais. A partir de fontes pictóricas variadas como pinturas, desenhos

⁷ Para ampliar essa temática sobre o debate em torno dos conceitos de canibalismo e antropofagia, consultar Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona. "El nacimiento del canibal: Un debate conceptual". *Historia crítica*, vol. 36, jul.-dic., 2008, pp. 150-173.

⁸ Pedro Simón, *Noticias historiales de las conquistas de tierra firme en las Indias occidentales* (1627); Juan de Borja, *Guerra con los Pijaos* (1608); Pedro de Aguado, *Recopilación historial* (s. XVI); Bernal Díaz del Castillo, *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España* (1576); Pedro Cieza de León, *Crónica del Perú* (1553); Francisco López de Gómara, *Historia general de las Indias* (1552); Hans Staden, *Wahrhaftige Historia und Beschreibung Eyner Landtschaff der Wilden Nacketen Grimmingen Menschfresser Leuthen* (1557); Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique* (1578); Montaigne, *Essais* (1595); André Thevet, *Les singularitez de la France Antartique* (1558), e *La cosmographie universelle* (1575); Azpiscueta Navarro, *Cartas* (1550-1568); Joseph de Anchieta, *Cartas* (1554-1594); Manoel da Nóbrega, *Cartas do Brasil* (1549-1560); Carspar van Barlaeus, *Rerum Octennium in Brasilia* (1647); Jean Bodin, *Methodus ad facilem historiarum cognitionem* (1566), e *Les six livres de la République* (1576); Louis-Antoine de Bougainville, *Voyage autour du monde par la frégate du Roi La Boudeuse et la flute l'Etoile en 1766, 1767, 1768, et 1769* (1772); Jean-Jacques Rousseau, *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* (1755) e *Emile* (1762); Voltaire, *Dictionnaire philosophique* (1764) e *Candide* (1759); Chateaubriand, *Mémoires d'outre-tombe* (1848); Gustave Flaubert (1862).

e gravuras, de diferentes procedências – alemãs, francesas, ibéricas flamengas, holandesas e italianas –, este livro analisa o processo de produção de imagens sobre o índio desde seus modelos medievais e renascentistas, quando os artistas, com base em coordenadas familiares e conhecidas, estabeleceram os pontos de partida para representar a alteridade.

Assim, a presente obra percorre um caminho em duas direções: a primeira, a partir das permanências, analisando as imagens sobre os selvagens e canibais entre os séculos XV e XVII produzidas pelos europeus, e a segunda, considerando as mudanças e transformações nos cânones e nas convenções. Nessa linha, são abordadas as primeiras imagens das cartas de Colombo e Vespúcio, passando pela cartografia alemã da primeira metade do século XVI de Waldseemüller, Fries, Münster e Holbein, as imagens dos relatos de Hans Staden e Jean de Léry, dando uma importância especial ao trabalho do editor e gravador flamengo Theodor de Bry, e finalizando com as pinturas do holandês Eckhout sobre os habitantes do Novo Mundo e a crise da imagem renascentista.

Maravilhas, gentios e outros prodígios

O nobre selvagem

Nas representações visuais da América e de seus habitantes é evidente a influência da estatuária sacra medieval como um ponto de partida dos editores e artistas para poder representar o novo e desconhecido mundo que os relatos de viagem ao Ocidente descreviam.

As primeiras imagens sobre os indígenas do Novo Mundo são xilogravuras que ilustram *A Carta de Colombo anunciando a chegada às Índias*, publicada em várias edições no ano de 1493. Tal carta foi escrita após o regresso da primeira viagem, em fevereiro de 1493, e em abril do mesmo ano já surgia a primeira edição da carta em Barcelona. Não tardaria muito para que também comesçassem a surgir as edições ilustradas.

No acervo de manuscritos e livros raros da Biblioteca Pública de Nova York encontra-se uma edição da *Carta de Colombo*, impressa na Basileia no ano de 1493, a qual contém o que se considera a primeira imagem do Novo Mundo, uma xilogravura¹ que representa o desembarque de Colombo na ilha *Hispaniola* (Figura 1). Na parte superior da imagem aparece uma ilha repleta de árvores, com a legenda *Insula Hyspana*, onde se encontram localizados dois grupos de figuras nuas, que parecem esconder-se entre as árvores por causa dos estranhos que acabam de chegar. À direita da ilha podemos ver um

¹ Xilogravura: técnica de gravura que trabalha com uma matriz de madeira, a partir da qual são obtidas as estampas, que se caracterizam por linhas grossas e acabamentos mais simples.

bote com dois personagens de chapéu, prontos para desembarcar; um deles de barba, com um objeto nas mãos, e o segundo segurando um remo. Esses dois personagens olham em direção ao grupo de pessoas nuas que vão a seu encontro. O primeiro grupo de nativos se aproxima dos estranhos com um objeto nas mãos, provavelmente para negociar;² ao mesmo tempo, estes fazem sinal para o outro grupo de figuras nuas que fogem, indicando-lhes que não existe perigo. Na parte inferior da imagem, no meio do mar, vemos um navio maior de onde partiu o bote.



Figura 1. Desembarque de Colombo na ilha Hispaniola. Xilogravura. Carta de Colombo. Edição da Basileia, 1493. The New York Public Library, Nova York.

² Susan Milbrath. "Representations of Caribbean and Latin American Indians in Sixteenth-century European Art". *Archiv für Völkerkunde*, n. 45, 1991, p. 5.